



O Gaiato

15 DE NOVEMBRO DE 1969
ANO XXVI — N.º 670 — Preço 1\$0

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui, Lisboa!

POR
PADRE LUÍS

Pensávamos inaugurar no fim do ano a nova casa-mãe da Aldeia. Infelizmente, porém, as nossas previsões saíram erradas e teremos de aguardar mais algum tempo. Os acabamentos são por natureza arrastados e, dado que os Trabalhadores ao serviço são poucos, não nos admiramos do facto. Pensamos que, com o findar das férias, os nossos Amigos se vão lembrar de nós e que, pela altura do Natal, em vez de nos encherem de brinquedos e de guloseimas, nos irão remeter as verbas que dispenderiam com isso, dando-nos a possibilidade de as empregar mais consoante as necessidades reais da Casa. De resto, nunca esqueceremos o carácter especial da quadra e não regatearemos aos Rapazes tudo o que for razoável e normal numa casa de família.

X X X

Fala-se muito em generosidade nos tempos de hoje. Julgamos, porém, com sólidas razões, que o que há é muita conversa. Apontar os males do mundo, as suas injustiças ou desequilíbrios, não basta. É preciso acrescentar algo de operante, em esforço ou em atitudes concretas, em ordem a resolver ou a minimizar a amplitude dos problemas angustiosos que nos rodeiam. Clamores de violência chegam, por vezes, aos nossos ouvidos, lançados, na sua maioria, por quem não dá um passo em favor do seu semelhante e está sempre, de dedo em riste, a apontar os outros. O conteúdo das palavras, porém, mede-se

Continua na TERCEIRA Página

Problemas de Assistência

cebermos crianças e a nossa limitação para atendermos, pelo menos, aqueles que são verdadeiramente nossos. Este problema é tanto mais candente nas Casas que servem grandes centros urbanos como Porto e Lisboa.

Porém, ao analisar-se cada pedido por si, verificamos que na grande maioria dos casos postos, o internamento é a mais contra-indicada das soluções propostas.

A razão fundamental que leva as pessoas, mesmo as melhor intencionadas, a recorrer a internato é o facto de haver uma escassez de semi-internatos que recolham durante o dia as crianças, os jovens e os adolescentes e os acompanhem dia a dia na sua formação cívica, moral e profissional, de modo que à noite regressem à família. São às centenas os pais ou mães capazes ainda de completar a educação de seus filhos e a quem cabe em primeiro lugar a palavra na sua formação. Acontece, porém, que para os sustentar honestamente, têm de trabalhar, mas não têm a quem entregar os filhos a não ser à rua. Nestas circunstâncias recorrem ao internamento tentando assim garantir a sua subsistência e dos seus.

Não raro encontramos mães e pais angustiados com o futuro

Continua na QUARTA Página

Nas minhas andanças de «Cireneu» pelas Casas do Gaia to a dar um pouco de repouso aos Padres que nelas se gastam e queimam interiormente no trabalho incessante para tornarem homens os filhos que lhes foram confiados, tenho encontrado, como é óbvio, muitos de problemas idênticos. Uns dos que nos aflige mais é a constante solicitação para re-

Campanha de assinaturas

● O REBOLIÇO DA EXPEDIÇÃO

Ainda não podemos avaliar, concretamente e em profundidade, a reacção geral dos nossos leitores à reedição da «Campanha de Assinaturas». Só na próxima quinzena. Estas breves notas são alinhavadas sob o reboliço da expedição do último número, que inclui um trabalho-extra. Estou a olhar Asdrúbal e Arménio, ocupados na máquina de dobrar. Controlando o movimento da automática, aquele insere no coração de cada exemplar, após a primeira dobra, o impresso que serve de arauto à «Campanha». Um e outro chegaram a irritar-se com dificuldades. Mas os ânimos serenaram com o tempo — e o «calor». A rotina é doença tão venenosa que só damos conta do bem quando opera o mal... E é! Neste caso Asdrúbal e Arménio aprenderam a lição. E o jornal seguiu pró correio na devida altura.

A «Campanha» está nas vossas mãos! A esta hora, eu creio, há já hossanas e tristezas. Aquelas, sem estas, qual valor teriam? Mas notem: é de maior importância que os assinantes a propor tenham dado consentimento, isto é, que aceitem o compromisso da assinatura!

Mais; de que vale o número a quantidade de gente a propor, se não em função do seu interesse? Pouco ou nada. «O Gaiato» é obra de vivos — «tem Vida». Por isso, os senhores e as senhoras — apaixonados

Continua na TERCEIRA Página

BENGUELA

A nossa Aldeia vai-se alindando. O edifício das Escolas entrou na fase dos acabamentos. São lindas e faziam imensa falta. A Senhora D. Maria Luiza até os olhos lhe sorriem, pois com tantos alunos que tem e as instalações provisórias que não satisfaziam nem ajudavam, ela agora sente-se contente por ver para breve a mudança para melhor aproveitamento dos seus alunos, que passarão a estudar com muitas melhores condições.

X X X

A nossa vida vai continuando e a família sempre a crescer. Todos os dias aparecem casos com pedidos de entrada. Ainda agora cruzei com duas mulheres de cor. Vinham pelo nosso Padre Manuel. Com elas dois mulatinhos com carita de tristeza, de a quem falta o aconchego do amor. Ao nosso Padre Manuel quantos problemas de consciência se lhe têm deparado na dúvida de receber os filhos inocentes, ou de fazer ver à mãe que é seu dever educá-los e trazê-los consigo e por isso dizer não. Mas elas não são as maiores culpadas. Perguntem-lhes pelo pai dos garotos. Não sabem, nunca aparece. Por isso o nosso Padre Manuel recebe, mesmo a ver que não há lugar para mais, mas vendo também que se a Justiça não vai pelos pais, não há-de Ela faltar para aqueles que não têm culpa alguma. E o pequeno entra, e começa então a vida para ele. Tem a mesa posta sempre a horas; vai à escola todos os dias; aprende a tra-



Colheita de batata na nossa Casa de Benguela.

Continua na TERCEIRA Página

Casamento do Vasco e Fernanda

Todos-os-Santos — 1969

Ordem e Matrimónio são os últimos na série dos sete Sacramentos que Nosso Senhor instituiu, conforme ensina o Catecismo. De certo modo, porém, eles são os primeiros; diríamos mesmo: os Sacramentos prévios, sem os quais faltaria aos outros cinco um fundamento sacral. É certo que pode surgir-se na vida sem Matrimónio — desgraçado começo de uma existência, de tantas existências... Mas, salvo o risco de vida, não pode haver Baptismo nem os outros Sacramentos, sem intervenção daqueles que o da Ordem gerou para prepararem e servirem aos homens estes Sinais eficientes da Graça que nos introduz e conduz no caminho da Salvação.

Sempre me seduziu, pois, a proximidade destes dois Sacramentos, que dos outros são distinguidos pela designação de Sociais. E como nunca, neste tempo de tantas e desvairadas ideias e atitudes, me parece oportuna a meditação deste paralelismo — o que Deus nos ajude.

XXX

Deus é Amor. E Amor é a realidade por excelência que enche o Tempo e a Eternidade. O Amor é a chave, a única chave, que nos permite penetrar o pouquinho ao nosso alcance o mistério da Trindade Santíssima; ir compreendendo algo da vida e do convívio do Pai («por ninguém feito: nem criado, nem gerado»), do Filho («só do Pai procedente: não feito, nem criado, mas gerado») e do Espírito Santo («não feito nem criado, nem gerado, mas procedente do Pai e do Filho»). Só o Amor nos situa na perspectiva de Deus criador. Porquê?, para quê? — se infinitamente feliz no círculo das três Pessoas Divinas — porquê, para quê nos criou o Divino Esbanjador de fidelidade?!... Só o Amor pode explicar e explica. Não há outra razão.

O mistério do Filho que assume a nossa natureza; que vem até nós, em tudo igual a a nós menos no pecado, submeter-se às consequências do pecado: às penas do trabalho, ao sofrimento, à morte..., tomando a nossa vez, qual «bode expiatório», Ele o «Cordeiro de Deus», o Supremo Bem — quem tal pode entender fora da linha do Amor?

Amor, amor, amor — gritam os novos pagãos que enchem o nosso mundo. Gritam um apelo tantas vezes desesperado por aquilo que profundamente querem e não acham nos caminhos errados em que se perdem, caminhos de devassidão e de mito, onde se cai de can-

sado e se acorda com um sabor fétido nos lábios, uma sensação trágica de morte sem remédio para todo o ser.

Por caminhos que O afirmem ou O neguem, o Amor não sofre contestação; a Sua verdade impô-lo-á sempre sobre todas as ilusões; na alma humana dificilmente e tarde morrem as últimas raízes da

medida que lhe foi dada.

XXX

Como resposta a um diálogo existencial iniciado por Deus, o homem que se aproxima da maturidade de consciência, vai percebendo aquilo que sente: a necessidade de consagrar a sua resposta e de a defender de todas as tentações de pro-



OS NOIVOS SOB O ALPENDRE DA CASA-MÃE.

Verdade — queira-se ou não, o Amor é a realidade que enche o Tempo.

XXX

Ora de Deus, do Seu amor declarado em Cristo, Seu Filho e nosso Irmão — dito pois, por uma Palavra viva, semente que se deixou morrer para que a «Vida fôsse em abundância» para todos os homens de boa vontade — de Deus brotam os Sacramentos, Sinais do Seu amor. Recebê-los é aceitar e aderir ao Seu amor por nós. E como «amor, com amor se paga», a resposta do homem ao amor de Deus é amá-lo antes e sobre tudo o mais que tenha razão de ser amado e amar a quem Ele ama: os homens nossos irmãos.

O grande Mandamento resulta assim essencial, indispensável, dum imperativo de Justiça. A Piedade dá calor, dá carne e coração à Justiça, mas não a substitui nem a encobre, muito menos a dispensa. Sem o seu esqueleto de Justiça, a Piedade seria uma manifestação informe de sentimentalismo estéril de consequências para o seu sujeito e para o seu objecto.

Num mundo em que o Amor (dá o mesmo por caminhos de afirmação ou de negação!) é a realidade por excelência que o enche, amar é o nosso dever fundamental, obrigação de que ninguém pode isentar-se e que cada um tem de cumprir na

fanação. Só a esta luz é possível e válida sobrenaturalmente, a castidade — meio único em que se pode preparar a grande opção a que é chamado todo o homem que despertou para o Amor. Dois caminhos se abrem para esta consagração, mas uma só é a força-viva capaz de levar até ao fim por um ou por outro: o amor nascido do Amor, guardado e cultivado pelos meios que o Amor pôs à nossa disposição.

No Matrimónio avulta o aspecto de encarnação: o objecto directo do amor é outra pessoa: ela para ele; ele para ela. Mas, se ambos não fundirem o seu amor numa só realidade e não fizerem dela oferta a Deus, que a abençoe, a defenda e a fecunde — não terá garantia de estabilidade; será como as moedas deste mundo, incessantemente submetidas a uma tendência de desvalorização, ou revalorizadas, uma ou outra, a golpes de artificiosas composições.

«Um do outro, um para o outro e os dois de Deus, e para Deus» — será sempre a fórmula saudável de felicidade conjugal. Um para o outro objecto directo do amor, sim. Mas o amor dos dois, valor divinamente enriquecido, há que endereçá-lo segundo a linha de um ideal procurado e vivido em comum, a uma meta mais alta que projecte na Eternidade o valor temporal do amor. Tal corresponde a uma verdadeira consagração, semelhante à que se realiza no Sacramento da Ordem ou na «Profissão Religiosa»: só que nestas a Família que se abraça como objecto directo do amor, é de tal modo vasta, na medida da capacida-

de humana tão universal, que o amor distinguido de uma mulher (ou de um marido) e dos filhos estorvaria o serviço dessa imensa Família para a qual Deus abre proporcionalmente o coração daqueles a quem chama por este caminho.

Portanto não há oposição radical entre Matrimónio e Sacerdócio. Ambos os Sacramentos acusam na sua essência vestígios do outro. Ai dos Esposos que não sintam e não explorem inteligentemente o sacerdócio da sua vocação de Pais de Família, colaboradores de Deus, Criador e Salvador! Ai dos Sacerdotes que não sintam e não explorem, com redobrada inteligência, as potências de paternidade que o seu sacerdócio contém, a sua condição de Irmão Universal de todos os homens, especialmente dos mais pobres, dos mais abandonados, dos que mais sofrem a fome e sede de Justiça que os fará bem-aventurados na medida em que nós participarmos dessa fome e dessa sede e os ajudarmos pela nossa palavra e pela nossa vida, a descobrir a saciedade no Tempo e a consolação na Eternidade!

O Padre é Pai. O sacerdócio a que foi chamado e aceitou é um compromisso da espécie matrimonial em relação à Mãe Igreja e aos filhos de Deus, de que uma porção passa a ser incarnadamente sua. Ele não é mais um celibatário. O Sacerdócio transferiu-o do estado de sôzinho para um estado de realização plena da vocação familiar, genérica para todos os

homens, desde o primeiro, de quem «Deus se apiedou ao vê-lo assim». A profissão de um padre será pároco, professor, capelão militar, ou qualquer outra... O seu estado é Sacerdote. Esta devia ser a linguagem correspondente às realidades profundas, mentalizadora das realidades profundas.

Só os olhos que a Fé não ilumina serão incapazes de compreender na linha inequívoca da sua distinção, a verdade do matrimónio dos consagrados pelo Sacramento da Ordem ou pela Profissão Religiosa e do sacerdócio dos casados. Este, não apenas porque, pelo Baptismo e pela Confirmação, já os conjugues eram individualmente participantes do Sacerdócio de Cristo; mas porque o Matrimónio verdadeiramente os unge e os investe numa nova missão em que são intimamente corresponsáveis.

Esta Festa em que o Pai da Família do Esposo é também o deputado em nome de Deus para assistir e registar a vossa consagração matrimonial, seja penhor de graças sem fim, para que todos nós, de pés na Terra mas corações ao alto, vivamos e difundamos no Tempo entre os homens nossos irmãos, as riquezas divinas, o «dom sagrado» de uma Família cristã.

E que a alegria de hoje seja uma pálida antecipação daquela que será na Eternidade quando, irmanados com todos os Santos, ocuparmos finalmente o lugar que nos destinou à Sua mesa o Pai Celeste.

Reportagem

Uma vez mais a comunidade de Paço de Sousa esteve em festa.

No dia 1 de Novembro, o nosso Vasco recebeu e deu o Sacramento do Matrimónio.

Cerca das 11 horas entramos na capela para a Santa Missa, em que haviam de unir-se para sempre o Vasco e a Fernanda. Presentes muitos amigos de ambos, que connosco foram testemunhas de tão solene e importante acto sacramental.

Na homilia o Sr. Padre Carlos referiu-se de maneira geral à nova vida que ambos iam encetar.

Aproximou-se a comunhão. Muitos foram os que participaram ficando saciados do Divino Sacramento Eucarístico.

No final da Santa Missa, via-se alegria em todos os rostos, abraços, fotografias, muita euforia. Agora Marido e Mulher, Vasco e Fernanda recebem felicitações de todos. O fotógrafo, preocupado em conseguir as melhores recordações do seu

trabalho, para o jovem casal.

Chega a hora da boda.

M. António sugeriu que seja dado o toque de entrada. Assim que se fez ouvir, fomos entrando e tomando os nossos lugares e demos graças a Deus por mais uma vez nos ter servido. Então principiámos a saborear os manjares que Ele nos havia concedido nesse dia.

Sempre contentes e a sorrir, os refeiteiros atendiam a todos preocupando-se que nada faltasse, e todos ficaram saciados e felizes neste dia grande para a nossa família.

Os recém-casados ao terminar a refeição partiram e distribuíram o bolo de noiva a todos os convivas presentes.

Assim terminou mais um dia feliz e grande para todos nós.

Deixamos aqui expresso, eu e os meus colegas, que o novo casal seja uma família de exemplos e goze de inteira felicidade.

Jorge Manuel

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA Página

pela sua eficiência e pelas intenções de quem as profere. Muitas delas esvaziam-se a si mesmas, por improficuas e norteadas por segundos sentidos. Por outro lado, um hedonismo egoísta e demolidor incapacita muito boa gente de fazer qualquer coisa de útil e produtivo. As vezes procura-se pessoa à margem do Irmão caído só para não se sentir afectado na sensibilidade! Comovemo-nos com isto ou com aquilo, propomo-nos realizar algo em benefício dos outros, mas facilmente desistimos à primeira contrariedade ou se não vemos resultados imediatos ou possibilidades de nos engrandecermos aos olhos do mundo. Esquecemos com facilidade que antes da Caridade está a Justiça e esta assume um duplo aspecto, individual e colectivo. Certa gente, ainda, cheia de bens deste mundo, olvidando que o supérfluo não lhe pertence, parece pretender levar para o túmulo, como os antigos faraós, as riquezas deste mundo, afogando-se na própria abundância. Não são menos

nocivos do que os violentos atrás apontados e, até certo ponto, ajudam a compreender como frutificam certas atitudes agressivas muito em voga. As palavras que pronunciam, tipo «coitadinho» e quejandas, são um ultraje e revelam, no fundo, uma ausência completa de Verdade e a mais flagrante hipocrisia.

Vem tudo isto, à laia de meditação, posta em letra de forma, para dizer que esperamos por almas dispostas a construir com a própria vida um mundo novo. Deixemo-nos, pois, de palavras, mais ou menos adornadas e sentenciosas ou jactantes, que nada representam. De actos é que todos precisamos; o resto é conversa fátua. Por exemplo, quem se dispõe a servir os Rapazes abandonados e sem família que temos nas nossas Casas? Há tanta gentinha à procura de se realizar e que arrasta dolorosamente a existência! Pois que venham, Senhoras e Homens.

Lembramos-lhes a queixa do Mestre: «Porque estais todo o dia ociosos? Ide também vós para a minha vinha!»

Padre Luís

O domingo passado foi um dia muito cheio. Cheio na dupla missão (se a podemos chamar dupla) do «Padre da Rua» — Pai e Padre. Depois de nos reunirmos todos à volta do Altar para celebrarmos a nossa Missa — onde procuramos centrar todo o nosso dia — e de passarmos pelo refeitório a tomar o cafézinho, sentei-me no escritório com um dos nossos filhos mais velhos que me tem feito horas amargas nos últimos meses. Estava em causa a honestidade do rapaz. Ele tem sido um bom apoio nos últimos anos. São os vinte anos a despontar ferozes, numa vida com dez anos de abandono. Procurei que a conversa fosse diálogo. Verdade e amizade de parte a parte. Dissemos, dissemos, dissemos. Entendemos-nos. Quando entramos na sala já estavam quase no fim do almoço.

A tarde teve outro sabor. Sabor que em muitos anos nunca havia sentido.

Duas aulas de catequese aos mais novos. Eu fui sómente assistente. Francisco José (ex Satélite) fez o curso de Catequista e tomou à sua conta esta missão. Naquela tarde o primeiro fruto saboroso foi o Catequista — o Francisco José. Ele veio em pequenito, na altura em que foram lançados os primeiros Satélites — daí o seu alcunha Satélite. Baixo e forte com olhos faiscantes. Inteligente e vivo, sem perder tudo o que a miséria lhe deu. Tem sido um às nas festas. Fez o Liceu e no próximo ano será professor. A nossa família há-

TRIBUNA de Coimbra

-de dar à Pátria muitos professores.

Francisco José fez dois grupos, conforme idade e capacidade. Não sei de qual deles gostei mais. Sentei-me num dos bancos e não abri o bico. Enchi, enchi-me tudo. Que lindo e bom modo de dar catequese! As crianças entendem e assimilam! Que diferença da catequese do meu tempo!

Dois dos mais pequenos realçaram: o Caniço e o Toinito. Que bem que eles respondiam! Eu que os julgava mais atrazados mentais! O Caniço (assim lhe chamam por ser muito magrinho) é natural de Avô e filho de uma mãe, doente mental e alcoólica, que vivia com o filho

pelos pinhais e um dia foi encontrada morta num poço. O pai não se sabe quem é. O Toinito é de Vila de Rei. É o sétimo filho de uma repariga solteira que faleceu há pouco numa casa de doentes mentais, em Lisboa.

Que cheio que foi aquele domingo! Autêntico dia do Senhor! Não poderemos dar aos nossos rapazes toda a abundância de condições que à primeira vista parecem necessárias, mas damos-lhes o suficiente para que eles, com boa vontade, sejam homens autênticos: cidadãos da Terra e cidadãos do Céu.

Padre Horácio

Campanha de assinaturas

Cont. da PRIMEIRA Página

dos pelo «Famoso» — cinjam-se a este princípio. E, assim, a Família de «O Galato», além de mais numerosa, será ainda mais fecunda.

● ANSIA QUE NOS SEDUZ

Repito: está nas vossas mãos a resposta à procissão encabeçada por um amigo do Tragal. E somos ouvidos e olhos abertos para as notícias de todos e cada um. É de sempre esta ansia que nos seduz de levar o «Famoso» ao maior número de homens de boa vontade. E aos quatro quadrantes do mundo, onde pulsa uma alma lusíada.

● CARTA DE UM EMIGRANTE

Tenho, à minha frente, carta de um emigrante, da América do Norte. Diz ela:

«Não sabe quanto vos agradeço o terem-me enviado «O Galato», para aqui. É uma gentileza que não esquecerei. Não enviem o jornal por avião que vos fica muito caro. De resto é um jornal que não perde oportunidade, qualquer que seja a data em que é recebido».

A delicadeza d'alma deste Amigo sente o «Famoso» em toda a sua grandeza. Por isso cuida do seu interesse: «Não

enviem o jornal por avião que vos fica muito caro». E mais; o mais importante — «é um jornal que não perde oportunidade». E não! Assim é o que se vivifica, em verdade e em força, na Palavra e Exemplo do Mestre, ainda que junto à humana fragilidade de quantos lhe dão forma de quinze em quinze dias.

● PARADOXO?

Recebemos, há dias, nota de um organismo oficial com delicada exigência ao «Famoso» que só teria cabimento e lógica — no complexo de interesses que domina o mundo dos nossos dias — para o comum das empresas. Aqui não! E delicadamente, sucintamente, demos resposta. Somos um classificado jornal sem classificação possível. Paradoxo? Aquele leitor do mote: «É um jornal que não perde oportunidade». Aqui está

● TEMOS A VIDA PREPARADA

Voltemos ao andar de cima. Avelino tem a vida preparada para o resultado da «Campanha». Confiem, por isso, na disponibilidade e produtividade da administração e expedição do «Famoso». É trunfo de valia. Que, sem ele, todas as canseiras seriam utópicas.

Júlio Mend

BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA Página

lhar e ver que pelo trabalho se há-de um dia valorizar, brinca com todos nas horas de brincar e todos são uma família, tem uma cama com lençóis lavados que o espera, depois de às orações da noite ter dado graças pelo pão que comeu, pelo dia que passou e agradece ao Senhor o bem que fizeram todos os amigos que estão lá fora e nos ajudam. E, por fim, dorme o sono feliz de uma alma inocente, que mais tarde há-de ser elemento válido na sociedade; na mesma sociedade em que vive o pai que nem o conhece, mas que o trouxe ao mundo. Pai Américo disse-nos um dia, que nós rapazes procurássemos ao menos ser melhores do que foram os nossos pais. É a Justiça de Deus que o pede, — e eu a lembrar-me que houve alguém que atendendo ao nível de vida de cá, estranhou a vinda da Obra Já Rua para África!

XXX

Casos: João Madeirense tem 10 anos, mas é já personagem de relevo em nossa Casa. Tem só um ano de estadia mas é levado da breca. Aventuras é com ele, volta e meia aí o temos no palco da fantasia.

Há dias, ainda a malta não tinha dado pela falta, fugiu com uma bicicleta, pegou nuns calções de um, uma camisa melhor de outro — e ala até à cidade que nasceu outro Joaquim Agostinho! Mas teve pouca sorte. Alguém lhe passou o rente à bicicleta e, mais tarde, a polícia botou-lhe a mão e ei-lo de regresso. Soubesse depois que antes de ir tinha feito das suas... — e meu amigo quem dá o pão dá criação! Mas já anda todo contente e diz: «Há eu sou Chicorônh, e cá a mim ninguém me vira. Qualquer dia vou até Sá da Bandeira ver como está aquilo por lá». Bem, a bicicleta ainda não apareceu e a pé não vai ele.

XXX

Futebol — Pronto, tudo acabado. Já não há cooperativo. Eis a notícia que chegou até à malta e todos ficaram desanimados. «Então eu que com tanto sacrifício me levantei sempre às 5 da manhã para os treinos e agora fico assim?» Decerto as outras equipas é que tiveram medo, ninguém nos aguentava... — Olha para aqui, ainda trago nesta perna a marca daquele treino forçado na Baía Farta com os madeirenses, bolas pareciam mas é de Malangue. Apre...

É isto senhores: tantos treinos e o Torneio Cooperativo parece realmente que já não se realiza e ninguém consegue calar os nossos craques.

XXX

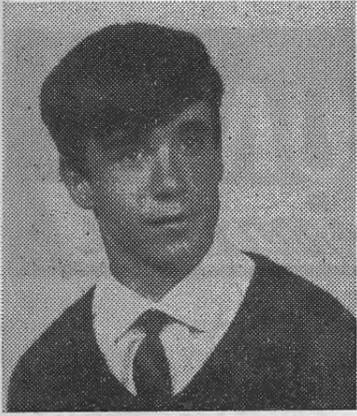
Praias: — Aí estão elas. Todos os domingos após a missa lá vai tudo na Ford até à praia do Sombreiro; uns tomam banho, outros constroem na areia; mais além outros pescam; mas nada, joga-se o futebol, dão-se uns pinotes e por fim mergulha-se nas águas e ala para casa almoçar que a fome é mato. De tarde ouve-se relatos da Metrópole. «Que este ano é o Sporting que limpa o Campeonato» — até julgas, pensas que é só dizeres não? — Olha pá para o Nelson não há pai — Palerma, nem na reserva do Benfica. tinha lugar... Enfim a nossa vida é um cinema, e lá vamos cantando e rindo. E até à próxima.

Américo dos Santos

Visado pela

Comissão de Censura





Lemos, chefe eleito do Lar de Setúbal.

SETÚBAL

No passado dia 19 de Outubro tivemos as nossas eleições, para escolher o rapaz mais capaz e mais maduro para tomar o cargo de chefe maior durante um ano de vida da nossa Casa. Como o anterior era o Laurindo, vimo-nos obrigados a eleger outro, uma vez que ele está à frente da nossa tipografia.

Para o acto eleitoral, todos os rapazes com a 4.ª classe ou com mais de 14 anos se reuniram na nossa escola.

Primeiro falou o Sr. Padre Acílio. Disse que a nossa Casa precisa de um chefe, e que este deve ser um rapaz consciencioso, digno de toda a confiança e ao mesmo tempo respeitado por to-

dos. O Sr. Padre Acílio disse mais: que o chefe tem que ser exigente e isso custa muito. Deu-nos, então, um exemplo: lá fora tudo quer ser chefe, tudo quer mandar nos outros. Porquê? Porque lá fora esses são os grandes, os que têm tudo e do não te rales. Em nossas Casas é o contrário. O chefe tem que ser o mais sacrificado.

No fim procedeu-se à votação, que deu o seguinte resultado: Luis — 10 votos; Viegas — 3; Lemos — 9; «Matateu» — 13; Quim — 4; «Matrena» — 0; Amadeu — 15; Teodoro — 1. Saíu vitorioso o AMADEU. Parabéns.



Procedeu-se, depois, a eleição de chefe do Lar. Eis a votação:

Lemos — 15; Emiliano — 9; Viegas — 7; Quim — 8; «Matrena» — 14; Teodoro — 2. Venceu o Lemos. Mais parabéns. E que Deus vos ajude!



Tipografia — Em andamento razoável, eis o ambiente que se respira na nossa oficina tipográfica. Ainda há dias o Sr. Padre Acílio disse que a tipografia estava a render uns tostões. Deus o ouça! Mas eu creio que, se Deus quiser, ela há-de transformar esses tostões em notas. Mais agora

com uma máquina plana reconstruída e um novo impressor, o Américo Correia, que transitou da nossa Casa de Paço de Sousa.

«Zé Nabó»

AZURARA

Esteve o terceiro turno. O dos Batatas. Eles e mais alguns das casas quatro. Todos pequenos.

Mas os Batatas! Ai os Batatas! Gritam, correm, cavam na areia, relacionam-se com todos, divertem-se com tudo. Até aos sacerdotes, calculem! Todos apreciámos: O «Jójo» ao centro com uma camisa vermelha do nosso professor, também connosco em gozo de férias, era o celebrante. Como ajudantes tinha o Amândio e o «Passarinho». Rezavam. Benziam-se. Cantavam coisas próprias dos actos litúrgicos. Chegado o momento sério do acto, fizeram escorregar uns grãos de areia pelos seus pequenos lábios. Uma lata com água do mar servia de cálix. No fim da sua celebração cantaram. E sabem o quê? A «Maria Rita» do Duo Ouro Negro. Mas com muita seriedade! Era só vê-los!

Mas atrás destes havia mais. O Toninho, o Serafim Gordo e o

«Bonequinho» faziam ratoeiras na areia. «Vamos ver quem cai primeiro»... — dizia um deles. Ao lado destes estavam o «Campanera», o Abílio e o Adorindo — «Vamos ver quem fica mais moreno» — discutiam. E, lá em baixo, metido na água, estava o Armindo. Muito gosta do mar o miúdo! Mas ao sair... Cabelo levantado e corpo trememente, pronto a ser embrulhado num cobertor. Lá ia o Armindo dormir.

■ Nas brincadeiras deles, são eles

quem manda. Foi sempre assim. Mas o último dia chegou.

Fizemos uma festa. Pequenina. Familiar. Cantou-se o «Batatinha», «Na minha Aldeia» e «Os Latas», conjunto formado pelo Abílio, Adorindo e «Botas», cantaram números muito em voga.

Na manhã do dia seguinte o apito da carrinha nova soou.

E à partida cantou-se: «Adeus ó mar, adeus ó areia»...

Álvaro Henriques



Há nomes que nunca falham. Presenças sempre firmes. Já lhe conhecemos a letra. Já as esperamos em dias habituais. Não é o muito que trazem. É o amor que nos comunicam. É a certeza que dão de que a nossa presença junto daqueles que os outros desprezam é caminho certo, é poiso verdadeiro, em meio de tanta procura, de tanta busca de ideais, e de trilhos atraentes, às vezes utópicos. Por isso, agradeço muito esta carta e tantas outras como ela que comungam profundamente o amor que desejamos ter aos carecidos dele. — «Mandei-lhe ontem lençóis para os seus doentes. Mas queria sobretudo mandar-lhe **letra minha**, para manifestar que silêncio não é sempre esquecimento. Desejo muito que os doentes tenham um leito limpo para morrer — isto parece-me uma certeza maravilhosa. Uma coisa sólida no nosso mundo tremido; digna de se viver para ela.»

Anónima da Rua das Papoilas. Humilde portuense. Portuense qualquer. Amiga da Palhaça. António Ramos. Dois funcionários da C. G. D. de Braga. Arminda. Raul Custódio. O avô que há 8 anos vem contando os meses do seu neto querido. A oferta. A doadora de sangue. Doente para doentes. Antonieta, do Dafundo. Nomes que nunca falham!

Senhor José Maria também não, em dia de anos. Partilhar a alegria que vai dentro de cada um é encher-se mais de profundo contento. Assim ele vem fazendo há uma dúzia de anos. Amélia de Carcavelos está aqui com 500\$. Anónima com outro tanto. Professora, amiga de suas alunas, com 4.500\$ para alívio dos que mais sofrem. Maria de Jesus com cem. Sacerdote com outro tanto. Criada com vinte. Filomena também com a mesma quantia. M. Alice com cem. E com cem Ernest Oswald todos os meses no Lar do Porto. J. F. L. com vale de mil. Maria da Glória com cem.

Visitante do Porto despeja a carteira. Pouco faltou para mil. Maria José com 500\$. Mais 500\$ de Lisboa. Nove dólares de Romana. Alma apagada

de Setúbal com 200\$00, para alívio dos que penam. Auxiliar de enfermagem com metade. Américo com 120\$. Assinante com cem. Outro com 20\$. Abília Maria marca também presença. Princepelina faz o mesmo. Maria Silva vem com 50\$. De Maceira de Liz duas encomendas de roupa. Julieta pede sufrágio pelo pai. Outros fazem o mesmo, com 50\$00, com 250\$, com 500\$. Médica de Lisboa vem com cem. Do Banco de Portugal, funcionárias com 140\$, todos os meses. Vareira, de Ovar, pede sufrágio. Serafim está aqui com 20\$00. Mário com 200\$00. Amélia da Foz com 50\$. Anabela com 200\$. Maria das Dores com 50\$. M. José com 140\$. De Castelo Branco cem. Do Restelo 500\$00. M. José com cem. Maria Elvira com um vale «antes de partir para férias». Lucinda da Amadora com cem. Irene com 500\$00, e «depois de um momento difícil dou graças a Deus». Adelaide com dois mil para os incuráveis. Ana com 200\$00 pela mesma intenção. Viúva de Mafra com cem. Ana, modista, com metade. Alguém, muito em silêncio com vinte mil. M. Madalena com mil. Laura com cem. E «pela minha mãe» 500\$. E ainda mais esta carta, tão inquieta e tão certa: — «Envio-lhe vale de correio. Este dinheiro saíu-me num sorteio na altura em que atravesso período bastante doloroso da minha vida. Talvez na alegria eu não me lembrasse dos que precisam, dos que sofrem. Senhor padre, faça o favor de aplicar esse dinheiro no Calvário e atrevo-me a pedir que peça ao Senhor a graça de eu encontrar o equilíbrio e a realização do caminho certo. É bem fácil nas actuais circunstâncias, perdermo-nos de Deus. Quero, ao menos, através desta pequena oferta, tentar encontrá-lo no Amor pelos meus irmãos, pois que no amor humano, quem eu encontrei ou procurei, só dor e negação me surgiu». Deus está habitualmente nas encruzilhadas. Nelas é mais fácil o encontro.

Padre Baptista

Problemas de Assistência

Cont. da PRIMEIRA Página

dos filhos que no primeiro caso foram abandonados pelos pais e no segundo pelas mães.

A quantidade destes problemas devia exigir dos responsáveis pela vigilância da infância e juventude os maiores cuidados e empenho. Fácil seria fazer uma sondagem nas Instituições de Assistência infantil quer Oficiais quer Particulares, para se verificar o mau caminho que se está a seguir neste campo crucial e importantíssimo para a Nação, quer no aspecto económico quer no aspecto de formação do homem que, amanhã, conforme for acompanhado e guiado nesta fase decisiva da vida, será peso morto ou inútil, senão até prejudicial à Nação, ou, pelo contrário, homem que fará uma sociedade mais produtiva, mais progressiva e mais humana e solidária.

As despesas com um internato, a partir da necessidade de instalações, pessoal, alimentação etc., são forçosamente muitíssimo maiores que as exigidas por um semi-internato, quer em espaço quer em esforços quer em economia humana e material. E, o que é

mais importante, mais positiva a educação das crianças e até da própria família que, não se podendo divorciar da sua responsabilidade progenitora, se prende mais aos filhos, evitando-se um aligeiramento de responsabilidades que muitas vezes vai contribuir para se formarem novos acasalamientos que em pouco tempo voltam a dar novos problemas de abandono e novas vítimas a alijar para outros. Tudo isto, além de imoral e demolidor da sociedade familiar, é uma violência aos direitos da criança e à própria lei natural, acarretando à Nação prejuízos incalculáveis de valores humanos.

Os internatos, toda a gente está de acordo, só devem ser para os casos extremos, onde a família não existe ou, se existe, se degradou de tal forma que entre dois males se opta pelo menor. Mas, a continuar-se na política actual de assistência à infância, parece-me que está a proceder-se à escolha do mal maior.

Acresce que a falta duma legislação nacional e positiva sobre o abandono das crianças, quer por parte dos pais, quer por parte das mães, o que em Lisboa toma proporções assus-

tadoras, estes se furtam na fuga às responsabilidades e se sentem protegidos por ineficácia das leis ou da sua actuação, tornando-se autênticos criminosos que impunemente continuam a sua marcha, aumentando os seus crimes na medida da impunidade. É que se torna dispendioso em tempo e dinheiro para os que querem que a justiça se faça, o processo das responsabilidades paternais. Em muitos casos há mães que se prostituem para alimentarem os filhos e há pais que, em virtude da dificuldade de encontrarem solução para os filhos, o abandonam, para assim forçarem a solução — e neste meio tempo se desumanizam.

Num tempo de revisão de vida nacional em que se tentam soluções adequadas e actualizadas para dar ao Povo português maior liberdade, mas sua correspondente responsabilidade na construção integral da Nação, cabe a todos os responsáveis pelo sector Assistencial — Educação, oficial e particular e ainda ao poder judicial, encontrarem-se em franco diálogo e estudarem em profundidade este ponto de honra nacional que pode e deve ser enquadrado numa das preocupações da Nação, pois dele depende em muito um Portugal rejuvenescido, com uma juventude consciente, esclarecida e humanamente evoluída e que consequentemente será o maior enriquecimento da Nação e da Humanidade.

Padre Abraão



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE